

ANTONIO BOTTO

E O IDEAL ESTHETICO EM PORTUGAL

A

NTONIO BOTTO é o unico portuguez, dos que hoje conhecidamente escrevem, a quem a designação de estheta se pode applicar sem dissonância. Com um perfeito instincto elle segue o ideal a que se tem chamado esthetico, e que é uma das formas, se bem que a infima, do ideal hellenico. Segue-o, porém, a par de com o instincto, com uma perfeita intelligencia, porque os ideaes gregos, como são intellectuaes, não podem ser seguidos inconscientemente.

A obra de Antonio Botto, no que realmente typica, resume-se, por ora, no seu ultimo livro, *Canções*. Que essa obra se distingue com facilidade da obra de qualquer outro poeta, portuguez ou estrangeiro — todos, que possam ver, o podem ver. Já não é tão facil explicar em que consiste, distinctivamente, essa differença. Algum interesse haverá em determiná-lo.

Nasce o ideal da nossa consciencia da imperfeição da vida. Tantos, portanto, serão os ideaes possiveis, quantos forem os modos por que é possível ter a vida por imperfeita. A cada modo de, a ter por imperfeita corresponderá, por contraste e similhaça, um conceito de perfeição. É a esse conceito de perfeição que se dá o nome de ideal.

Por muitas que pareça que devem ser as maneiras por que se pode ter a vida por imperfeita, ellas são, fundamentalmente, apenas trez. Com effeito, ha só trez conceitos possiveis de imperfeição, e, portanto, da perfeição que se lhe oppõe.

Podemos ter qualquer cousa por imperfeita simplesmente por ella ser imperfeita: é a imperfeição que imputamos a um artefacto mal fabricado. Podemos, por contra, tel-a por imperfeita porque a imperfeição resida, não na realização, senão na essencia. Será quantitativa ou qualitativa a differença entre a essencia d'essa cousa imperfeita e a essencia do que consideramos perfeição; quantitativa como se dissessemos da noite, comparando-a ao dia, que é imperfeita porque é menos clara; qualitativa como se, no mesmo caso, dissessemos que a noite é imperfeita porque é o contrario do dia.

Pelo primeiro d'estes criterios, applicando-o ao conjunto da vida, tel-a-hemos por imperfeita por nos parecer que fallece naquillo mesmo por que se define, naquillo mesmo que parece que deveria ser. Assim, todo o corpo é imperfeito porque não é um corpo perfeito; toda a vida imperfeita porque, durando, não dura sempre; todo o prazer imperfeito porque o envelhece o cansaço; toda a comprehensão imperfeita porque, quanto mais se expande, em maiores fronteiras confina com o incomprehensivel que a cerca. Quem sente d'esta maneira a imperfeição da vida, quem assim a compara com ella-propria, tendo-a por infiel á

sua própria natureza, força é que sinta como ideal um conceito de perfeição que se apoie na mesma vida. Este ideal de perfeição é o ideal hellenico, ou o que pode assim designar-se, por terem sido os gregos antigos quem mais distinctivamente o teve, quem, em verdade, o formou, de quem, porcerto, elle foi herdado pelas civilizações posteriores.

Pelo segundo d'estes criterios teremos a vida por imperfeita por uma deficiência quantitativa da sua essência, ou, em outras palavras, por a considerarmos inferior — inferior a qualquer cousa, ou a qualquer principio, em o qual, em relação a ella, residia a superioridade. E' esta inferioridade essencial que, neste criterio, dá ás cousas a imperfeição que ellas mostram. Porque é vil e terreno, o corpo morre; não dura o prazer, porque é do corpo, e porisso vil, e a essência do que é vil é não poder durar; desaparece a juventude porque é um episodio d'esta vida passageira; murcha a belleza que vemos porque cresce na haste temporal. Só Deus, e a alma, que elle creou e se lhe assemelha, são a perfeição e a verdadeira vida. Este é o ideal a que poderemos chamar christão, não só porque é o christismo a religião que mais perfeitamente o definiu, mas tambem porque é aquella que mais perfeitamente o definiu para nós.

Pelo ultimo dos mesmos criterios teremos a vida por imperfeita por a julgarmos consubstanciada com a imperfeição, isto é, não-existente, porque a não-existencia, sendo a negação suprema, é, a absoluta imperfeição. Teremos a vida por illusoria; não já imperfeita, como para os gregos, por não ser perfeita; não já imperfeita, como para os christãos, por ser vil e material; senão imperfeita por não existir, por ser mera apparencia, absolutamente apparencia, vil portanto, se vil, não tanto com a vileza do que é vil, quanto com a vileza do que é falso. E' d'este conceito de imperfeição que nasce aquella forma do ideal que nos é mais familiarmente conhecida no buddhismo, embora as suas manifestações houvessem surgido na Índia muito antes d'aquelle systema mystico, filhos ambos, elle como ellas, do mesmo substrato metaphysico. E' certo que este ideal apparece, com formas e applicações diversas, nos espiritualistas symbolicos, ou occultistas, de quasi todas as confissões. Como, porém, foi na Índia que as manifestações formaes d'elle distinctivamente appareceram, poderemos ser imprecisos, porém não seremos inexactos, se dermos a este ideal, por conveniencia, o nome de ideal indio.

Pela propria natureza do seu ideal, é a civilização hellenica essencialmente a civilização artistica. Fazer arte é querer tornar o mundo mais bello, porque a obra de arte, uma vez feita, constitue belleza objectiva, belleza accrescentada á que ha no mundo. Para que esta actividade lembre e preocupe, é mister haver um criterio objectivo de belleza ou de perfeição. Ora, dos trez criterios de perfeição, só o dos gregos tem objectividade. Que impulso natural pode ter para crear obras de arte, formas que pertencem ao mundo e á vida, quem, como o christão, tem o mundo por pó e mal, a vida por vileza e peccado, ou quem, como o mystico da Índia, tem toda a Apparencia por illusão absoluta, flor que nasceu murcha na haste da Mentira? Se a criação artistica não procedesse de um instincto irreprimivel nas comunidades civilizadas, nunca teria havido arte india, nem christã. E a arte christã, porcerto, ter-se-hia approximado mais da imperfeição estrutural e formal da arte india, se não fosse que o hellenismo é um elemento componente do christismo, e que a arte dos povos christãos, tendo a dos gregos por exemplar, se guia, nas suas manifestações superiores, pelos principios assentes como fundamentaes pelo preceito e o exemplo dos classicos

Ha, porém, uma outra razão, esta mais emotiva e profunda, para que o ideal hellenico seja, de todos, o que mais directamente conduz á criação artistica.

O christão é metaphysicamente feliz. Tem os olhos da alma postos naquella perfeição divina em que não ha mudança nem cessação. Pesa-lhe pouco a vileza do mundo; viver e ver são para elle um mal-estar transitorio. Ao indio nada doe o haver mundo; volta para o lado o rosto, e contempla em extase o Todo a que nem o Nada falta. É metaphysicamente feliz tambem.

Outra é a vida espiritual do homem de ideal hellenico. Esse vê que a vida é imperfeita, porque é imperfeita; porém não regeita a vida, porque é na mesma vida que tem postos os olhos. Mesmo que veja no mundo dos deuses aquella belleza suprema, pela qual anseia, anseia tambem por essa belleza nos homens. «A raça dos deuses e dos homens é uma só», disse Pindaro; a uns deve pertencer o que aos outros pertence. Porisso, dos trez idealistas, é o helleno o unico que não pode rejeitar aquella vida a que chama imperfeita. O seu ideal é, portanto, humanamente o mais tragico e profundo.

De aqui o que resulta? A carencia de uma fé religiosa, de uma confiança, moral ou metaphysica, no Alem reduz as almas vis ou á materialidade animal, ou á esteril ficção de um millenio do estomago — o socialismo, o anarchismo, e todos os plutocratismos invertidos que se lhes assemelham; porisso os mais scepticos dos gregos e dos romanos nunca pretenderam que se destruísse a fé religiosa das plebes, por estulta e irrisoria que a julgassem. Se é este, porém, o effecto do ideal puramente objectivo nas almas inferiores, nos espiritos superiores, que são os susceptiveis de crear, o effecto é outro. Não podendo buscar consolidação espiritual na religião, força é que a busquem na vida. Como, porém, encontral-a na vida, se a vida é imperfeita, e o imperfeito, por sua natureza, não pode constituir ideal, porque o ideal é perfeição? Aperfeiçoando a vida, para que a sua imperfeição lhes doa menos. Aperfeiçoando-a como? Objectivamente não pode ser, porque a acção humana sobre o universo é menos que limitadissima. É portanto só subjectivamente que se pode aperfeiçoal-a, aperfeiçoando o conceito e o sentimento d'ella. A consolidação e o repouso, no que podem attingir-se, só a Arte, portanto, os pode dar. A Arte é, com effecto, o aperfeiçoamento subjectivo da vida.

A calma, o equilibrio, a harmonia, caracteristicos distinctivos, com outros, que os não contradizem, da arte grega, provam bem que não é abusiva a attribuição d'esta intima direcção logica ao caminho do instincto hellenico para o ideal esthetico absoluto.

Quando o helleno pretende pôr em arte o seu ideal, isto é, quando o ideal hellenico assume o aspecto creador ou activo, são trez as formas de manifestação por que se revela.

Na primeira, e mais alta, d'essas formas, o helleno, vendo que a vida é imperfeita, busca crear, elle, a perfeição, substituindo a arte á vida; e busca incluir em cada obra, para que a substituição seja perfeita, ou toda a vida ou um aspecto supremo da vida. E' esta a forma intellectual e constructiva do ideal esthetico absoluto; Homero e Virgilio dos antigos, Dante e Milton dos modernos, são os representantes maximos d'ella. As obras d'estes poetas mostram a preocupação severa da perfeição absoluta, revelada tanto na estruturação harmonica de um conjuncto pleno de significação, quanto na execução escrupulosa de todos os elementos seus componentes.

Na segunda, e media, d'essas formas, o helleno, sentindo que a vida é imperfeita, busca aperfeiçoal-a em si proprio, vivendo-a com uma comprehensão intensa, vivendo de dentro, com o espirito, a essencia do transitorio e do imperfeito. E esta a forma emotiva e dolorosa do ideal esthetico absoluto; foi este conceito da vida o que creou a tragedia, desconhecida, como especie emotiva e esthetica, antes dos gregos.

Na terceira, e infima, d'essas formas, o helleno, vendo e sentindo vagamente a imperfeição das cousas, porém sem força espiritual, quer para construir uma perfeição que as substitua, quer para se consubstanciar emotivamente com a sua imperfeição, decide acceital-as como se fossem perfeitas, escolhendo em cada uma aquelle momento, aquelle gesto, aquella passagem que de tal modo encheu a nossa capacidade de sensação que naquelle momento, naquelle gesto, naquella passagem, a sentimos perfeita. E' esta a forma sensual do ideal esthetico absoluto; forma debil, porque não a energiza uma reacção da intelligencia, vazia, porque a emoção lhe não dá corpo, mas, por isso mesmo, porque é esthetica e mais nada, propriamente classificavel de ideal esthetico, sem qualificação.

De que maneira, por que processo reconheceremos o estheta, propriamente tal, na sua obra? Quaes são os signaes necessarios da applicação do ideal esthetico? Como distinguiremos, se se trata de poetas, o estheta do poeta simples, que canta simplesmente o prazer e a vida, porque lhe não cabe mais na alma? Como distinguiremos o estheta do christão revoltado, que procura o peccado só porque é peccado, e blasphema, embora subtilmente, só para ter a consciencia da blasphemia? Em outras palavras como distinguiremos o estheta do satânico menor?

A distincção não apresenta difficuldade, desde que nos representemos com clareza em que consiste necessariamente a applicação activa do ideal esthetico.

Se o ideal esthetico consiste na consideração vaga de que a vida é imperfeita, e que só é perfeita, num momento feliz, a nossa sensação d'ella, força é que essa consideração não atinja um alto grau de absorpção metaphysica ou moral; porque, se fôr altamente metaphysica, haverá consciencia de mais para poder haver illusão, e, se fôr altamente moral, haverá dôr de sobra para que a illusão possa agradar.

O primeiro caracteristico da arte do estheta é pois a ausencia de elementos metaphy-

sicos e moraes na substancia da sua ideação. Como, porém, os ideaes hellenicos procedem todos de uma applicação directamente critica da intelligencia á vida, e da sensibilidade ao conteúdo d'ella, essa ausencia de metaphysica não será uma ausencia de idéas metaphysicas, nem essa ausencia de moral uma ausencia de idéas moraes. Ha uma idéa que, sem ser metaphysica nem moral, faz, na obra do estheta, as vezes das idéas moraes e metaphysicas. O estheta substitue a idéa de belleza á idéa de verdade e á idéa de bem, porém dá, por isso mesmo, a essa idéa de belleza um alcance metaphysico e moral. A celebre «Conclusão» da *Renascença* de Pater, o maior dos esthetas europeus, é o exemplo culminante d'esta attitude.

Nisto se distingue a obra do estheta da obra do artista simples, em quem os elementos metaphysicos e moraes são ausentes, não por differença de ideal, senão por ausencia d'elle.

Se, porém, o estheta substitue a idéa de belleza á idéa de verdade e á de bem, o certo é que, por isso mesmo que as substituiu por outra, se não interessa pelas idéas de bem e de verdade. Não é porisso, propriamente, nem sceptico nem immoral; o proposito de ser sceptico revela uma preocupação metaphysica, o de ser immoral uma preocupação ethica, e o character negativo de ambas as preocupações não as torna menos preocupações. Nisto claramente se distingue o estheta do mau christão decadente, como Baudelaire ou Wilde.

Se tivermos presentes estas considerações na analyse do livro de Antonio Botto, não nos será difficil determinar que esse livro representa uma das revelações mais raras e perfeitas do ideal esthetico, que se podem imaginar.

Que a substancia do livro é altamente intellectual, revela-o o estudo cuidadoso da forma e do rhythm, a escolha severa dos momentos representativos, a falta de espontaneidade emotiva que em cada verso se manifesta. Tudo é pensado, tudo é critico e consciente. Não ha, porém, como seria de esperar de uma intelligencia tão constantemente empregada, metaphysica nenhuma, nem explicita nem implicita, interesse nenhum pelas idéas como taes. É uma intelligencia que dirige, porém não pensa; que comprehende, porém não aprofunda; que guia, porém não se preocupa. Nem positivamente, nem negativamente, suggere o livro *Canções* qualquer metaphysica. Duas idéas centraes governam a inspiração do poeta, e lhe servem de metaphysica e de moral. São as idéas de belleza physica e de prazer. A analyse do conteúdo d'essas duas idéas, taes quaes se nos apresentam nas *Canções*, revelará o estheta inequivocamente. No modo como apresenta a primeira d'ellas, o poeta afasta-se de toda especie de moralidade; no modo como apresenta a segunda, de toda a especie de immoralidade.

Das trez formas, que podemos conceber, da belleza physica — a graça, a força e a perfeição —, o corpo feminino tem só a primeira, porque não pode ter a belleza da força sem quebra da sua feminilidade, isto é, sem perda do seu character proprio; o corpo masculino pode, sem quebra da sua masculinidade, reunir a graça e a força; a perfeição só aos corpos dos deuses, se existem, é dado tel-a. Um homem, se se guiar pelo instinto sexual, e não pelo instinto esthetico, cantará, como poeta, só o corpo feminino. Essa attitude representa uma preocupação exclusivamente moral. O instinto sexual, normalmente tendente para o sexo opposto, é o mais rudimentar dos instinctos moraes. A sexualidade é uma ethica animal, a primeira e a mais instinctiva das ethicas. Como, porém, o estheta canta a belleza sem preocupação ethica, segue que a cantará onde mais a encontre, e não onde suggestões externas á esthetica, como a suggestão sexual, o façam procural-a. Como se guia, pois, só pela belleza, o estheta canta de preferencia o corpo masculino, por ser o corpo humano que mais elementos de belleza, dos poucos que ha, pode accumular.

Foi assim que pensaram os gregos; foi esse pensamento que Winckelmann, fundador do esthetismo na Europa, descobrindo-o nelles, reproduziu, como no passo celebre que Pater transcreveu, e que parece feito para servir de prefacio a um livro como *Canções*:

«Como é confessadamente a belleza do homem que tem que ser concebida sob uma idéa geral, assim tenho notado que aquelles que observam a belleza só nas mulheres, e pouco ou nada se commovem com a belleza dos homens, raras vezes tem um instinto imparcial, vital, innato da belleza na arte. A pessoas como essas a belleza da arte grega parecerá sempre falha, porque a sua belleza suprema é antes masculina que feminina.»

Ora é este conceito, puramente esthetico, da belleza physica que é, como todos sabem, porque escandalizadamente se notou, uma das duas idéas inspiradoras das *Canções*.

Disse eu que Antonio Botto se afasta de toda a moralidade no modo por que canta a belleza physica, e que se afasta de toda a immoralidade no modo por que canta o prazer. De que modo canta elle o prazer? Que modo ha de cantar o prazer que, sem ser moral (porque, se o fôsse, estaríamos fóra do caso esthetico), se afaste da immoralidade?

Para como o prazer ha trez attitudes possiveis — accetal-o, rejeital-o, accetal-o com moderação. A cada uma d'estas attitudes correspondem graus varios de moralidade e de immoralidade, porque pode haver moralidade no modo de accetar o prazer, e immoralidade na maneira de rejeital-o. Aquí, porém, trata-se de quem acceta o prazer, e só o prazer; não temos portanto que considerar as outras hypotheses.

Accete o prazer, e só o prazer, de que modos pode elle ser accete? Pode ser accete como alegria, ou como forma da alegria, e é esta a maneira moral, porque é a natural, de accetar o prazer. Pode ser accete como excitação, como, por assim dizer, a única forma agradável da dôr, pois que toda a excitação — tomada a palavra no sentido vulgar, e não no physiologico — tem um fundo de dor; e é esta a maneira immoral, porque é a anti-natural, de accetar o prazer. Pode, finalmente, ser accete simplesmente como prazer, como, em sua essencia, nem alegre nem triste, porém a unica cousa que pode encher o vacuo absurdo da existencia. D'este conceito de prazer não se pode dizer que seja moral nem immoral, logo que se não esqueça que se está considerando o prazer só, isolando-o de qualquer outro elemento da vida,

Quem leia com attenção normal o livro *Canções*, não tardará que veja que é este ultimo o conceito que Antonio Botto forma do prazer, que é neste sentido de comprehendel-o que elle o canta. *Canções* é um hymno ao prazer, porém não ao prazer como alegria, nem como raiva, senão simplesmente como prazer. O prazer, como o poeta o canta, nem serve de despertar a alegria da vida, nem de ministrar um antidoto a uma dôr substancial constante; serve apenas de encher um vacuo espirital, a ser conceito de vida a quem não tem nenhum. Ha neste livro, sim, a intuição do fundo tragico do ideal hellenico, do fundo tragico de todo o prazer que sabe que não tem além. Essa intuição, porém, se é do que é tragico, não é tragica em si. Este prazer não tem a cor da alegria, nem a da dor. «A alegria» disse Nietzsche, «quer eternidade, quer profunda eternidade». Não é, nem nunca foi assim: a alegria não quer nada, e é por isso que é alegria. A dôr, essa, é o contrario da alegria, como a concebia Nietzsche: quer acabar, quer não ser. O prazer, porém, quando o concebemos fóra de relação essencial com a alegria ou com a dor, como o concebe o author d'este livro, esse, sim, quer eternidade; porém quer a eternidade num só momento.

Resulta d'estas considerações, que me exorçei por fazer lucidas e concisas, a determinação exacta de que Antonio Botto, no seu livro *Canções*, se revela um dos typos mais perfectos e mais integros do estheta, que se podem imaginar.

Que importancia tem este facto? A de representar uma raridade. O typo perfeito do estheta é rarissimo na civilização christã, ou de origem christã, e mais que raro, porque, até ás *Canções*, desconhecido, em Portugal. A razão d'essa raridade, quer em toda a Europa, quer em Portugal, e o valor que nella haja, são relativamente facéis de comprehender.

O ideal esthetico é, como se viu, uma das formas — a mais tenue e vazia — do ideal hellenico; mas, porisso mesmo que é a mais tenue e vazia d'ellas, é a mais explicitamente representativa d'aquelle ideal. Para que appareça um typo de estheta é necessario um meio social analogo ao meio social hellenico. Ora o meio social europeu, se é certo que modernamente, e em algumas das suas manifestações, de certo modo se approxima, tanto quanto pode ser, do meio social da Grecia antiga, é, em todo o caso, radicalmente differente d'elle. Segue que o apparecimento na Europa moderna de um typo integro de estheta só pode dar-se por um desvio pathologico, isto é, por uma inadaptação estrutural aos principios constitutivos da civilização europeia, em que vivemos.

Este desvio pathologico é, porém, no caso dos grandes esthetas europeus o elemento predisponente, se bem que, por isso mesmo, radical, do seu esthetismo; a elle se accrescenta uma mergencia prolongada do espirito na atmosphera da cultura hellenica, que lhe cria um perpetuo contacto, ainda que só intellectual, com a Grecia antiga e os seus ideaes. Da acção d'este segundo elemento sobre o primeiro o estheta desabrocha. São d'esta origem os esthetismos de Winckelmann e de Pater, quasi, em verdade, os unicos typos exactos do estheta que a civilização europeia pode apresentar. Como, porém, este esthetismo tem uma base cultural, resulta que tem a plenitude e a largueza que distinguem todos os productos culturais, em contraposição aos naturaes seus semelhantes, e porisso de algum modo transcende a estreiteza especifica do ideal esthetico, sem todavia deixar de lhe pertencer.

Como os elementos culturais são inteiramente negativos na obra de Antonio Botto, vemo-nos forçados a assentar em que o seu esthetismo nasce de um simples desvio pathologico, sem sollicitação cultural efficiente. Este processo de ser estheta apresenta uma singularidade notavel: é um desvio pathologico sem desequilibrio, porque todos os ideaes gregos (e portanto o esthetico, que é um d'elles) são essencialmente equilibrados e harmonicos. Ora um desvio pathologico equilibrado é uma de duas cousas—ou o genio ou o talento. Ambos estes phenomenos são desvios pathologicos, porque, biologicamente considerados, são anormaes; porém não são só anormaes, porque teem uma acceitação exterior, tendo, portanto, um equilibrio. A esse desvio equilibrado chamar-se ha genio quando é synthetico, talento quando é analytic; genio quando resulta da fusão original de varios elementos, talento quando procede do isolamento original de um só elemento.

A dentro do ideal esthetico, os casos de Winckelmann e de Pater representam o genio, porque a tendencia para a realização cultural immanente no seu esthetismo ingenito é, por sua natureza, synthetica; o caso de Antonio Botto representa o talento, porque o ideal esthetico, dada a sua estreiteza e vacuidade, representa já o senso esthetico isolado de todos os outros elementos psychicos, e, no caso de Antonio Botto, estheta simples, esse isolamento não se modifica, como no esthetismo culto, pelo reflexo nelle da multiplicidade dos objectos de cultura.

Temos, pois, por demonstração severamente conduzida, que o livro *Canções* é uma obra de talento, tendo, além d'esse, o valor accessorio e especial de ser o unico exemplo, que eu saiba, na litteratura europeia do isolamento espontaneo e absoluto do ideal esthetico em toda a sua vazia integridade.

A'parte este valor, que pertence áquella obra em absoluto, isto é, como obra e não como obra em portuguez, o livro *Canções* tem, para nós em Portugal, um outro aspecto de valor, já de ordem relativa. E' que é o unico exemplo em Portugal da realização litteraria, de qualquer especie, do ideal esthetico. Facilmente o verificará quem houver lido com attenção o que estabelecemos sobre os caracteristicos do estheta. Artistas tem havido muitos em Portugal; esthetas só o author das *Canções*.

FERNANDO PESSOA

